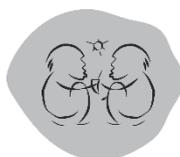
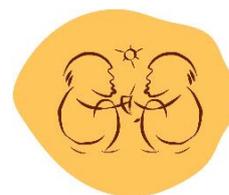


Cultura em MS

Campo Grande, MS, n. 4, 2011



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

www.icgilbertoluizalves.com.br/

cultura emMS



FUNDAÇÃO DE CULTURA
DE MATO GROSSO DO SUL

Nº 4 • 2011

GEPARK
BODOQUENA-PANTANAL

A cultura abre a paisagem



**GILBERTO
LUIZ ALVES**
Educação e arte



ARTESANATO
O milagre
da fibra



VIDEODANÇA
Nova interface
estética



Governador de Mato Grosso do Sul
André Puccinelli

Vice-governadora
Simone Tebet



Presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul
Américo Ferreira Calheiros

Diretor Geral
José Alberto Furlan

Gerente de Patrimônio Histórico e Cultural
Neusa Narico Arashiro

Assessoria de Comunicação
Gisele Colombo, Márcio Breda e Rodrigo Ostemberg

Comissão editorial
Cultura em MS

Américo Calheiros, Arlene Vilela, Edilson Aspet, Maria Christina Félix,
Neusa Arashiro, Soraia Rodrigues e Marília Leite

cultura
emMS

2011 - N.4

**A revista Cultura em MS é uma publicação do
Governo do Estado de Mato Grosso do Sul por meio
da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul**
Memorial da Cultura e Cidadania - Av. Fernando Corrêa da Costa, 559
Tel.: (67) 3316 9155 - Campo Grande-MS

Edição: Marília Leite (DRT/SP 10.885-78) e Moema Vilela (DRT/MS 09-05)

Reportagem e redação: Alexandre Maciel, Allison Ishy, André Mazini, Carol Alencar,
Fabio Pellegrini, Hellen Camara, Laís Camargo, Lu Tanno, Luiza Rosa, Márcio Breda,
Maria José Surita Pires de Almeida, Marília Leite, Moema Vilela e Rozana Valentim

Projeto gráfico: Marília Leite e Yara Medeiros; Edição de arte: Marina Arakaki,
Marília Leite, Lennon Godoi (pág. 44 a 48) e José Benetti (pág. 64 a 67);
Editoração eletrônica: Marília Leite e Marina Arakaki; Tratamento de imagens:
Marina Arakaki e Antônio Marcos Gonçalves Francisco

Finalização: BW3

Consultoria técnica: Nivaldo Vitorino, Paulo Boggiani e Paulo Robson de Souza

Revisão ortográfica: Daniel Santos Amorin

Fotografia: Daniel Reino, Débora Bah, Everson Tavares, Fabio Pellegrini,
Paulo Robson de Souza, Rodrigo Ostemberg e colaboradores

Agradecimentos: Alexander Onça, André Rachid, Ana Cristina Andrade Maricato,
Ângelo Arruda, Aparecido Melchades, Cláudia Leitão, Cláudia Müller, Denise Parra,
Desirée Melo, Éder Jâneo, Elis Regina Nogueira, Gabriela Ferrite, Gisele Colombo,
Gilson Martins, Jean Stringheta, Lenilde Ramos, Leoneida Ferreira,
Marcelo Brown, Márcia Gomes, Maria Inês Amaral, Marlene Mourão,
Patrícia Caldas, Paulo Caldas e Rubens Moraes da Costa Marques

Impressão: Gráfica Alvorada

Versão eletrônica da revista no site: www.fundacaodecultura.ms.gov.br
ISSN: 2237-2652

GILBERTO LUIZ ALVES

Entre a educação e as artes a busca pela singularidade sul-mato-grossense

MAIS DE 450 OBRAS DE ARTE, UMA BIBLIOTECA REFERENCIAL NA ÁREA DE EDUCAÇÃO, PROFESSOR E AUTOR COM TÍTULOS RECONHECIDOS EM NÍVEL NACIONAL, GILBERTO LUIZ ALVES É UM PESQUISADOR INCANSÁVEL. PAULISTA DE NASCIMENTO, ADOTOU O ESTADO QUANDO AQUI CHEGOU, NA DÉCADA DE 1970. GRADUADO EM PEDAGOGIA, COM PÓS-DOCTORADO EM FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, ALÉM DA ATUAÇÃO NA ÁREA ACADÊMICA, DEDICA HOJE GRANDE PARTE DE SEU TEMPO A ESTUDOS DE TEMÁTICAS REGIONAIS QUE LEVEM À COMPREENSÃO DA SINGULARIDADE CULTURAL SUL-MATO-GROSSENSE.



– **Professor e pesquisador, colecionador de artes, estudioso da cultura. Qual sua vocação maior?**

– É impossível dissociar esses aspectos. Eles estão indissoluvelmente entrelaçados em minha vida. Sempre me identifiquei com o trabalho docente, mas, desde minha época de graduação, na Faculdade de Ciências e Letras de São José do Rio Preto [SP], hoje integrante da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” [UNESP], comecei a sentir que, sem a pesquisa, o ensino não tem vida. Você precisa transmitir conhecimentos que acredita sejam verdadeiros. O conteúdo didático não pode ser um enlatado, extraído do livro da moda e despejado sem emoção e envolvimento na sala de aula. A busca da verdade, portanto, foi algo que deu sentido não só à minha atividade de pesquisa, mas também à de ensino. Daí, também, a motivação para entender a minha área, a educação, e o espaço onde passei a viver: Mato Grosso e, depois da divisão do estado, Mato Grosso do Sul. No processo, formei uma boa biblioteca, povoada de livros regionais, históricos, educacionais e clássicos. Ela se tornou um instrumento fundamental de trabalho e, revisitando-a cotidianamente, intensifiquei

o agradável vício da leitura. A coleção de artes plásticas começou como um apêndice, em 1974. Mas não comprei o primeiro óleo sobre tela pensando em usá-lo como decoração. Ele me falava das relações sociais e permitia, como um livro, que eu compreendesse a realidade humana. Aprofundei, em paralelo, estudos sobre estética e, quanto mais estudava, mais me distanciava das interpretações dominantes sobre a cultura regional. As ideias correntes ainda fluem, sobretudo, do senso comum. São apressadas e, muitas vezes, não resistem ao crivo da crítica científica. Talvez seja por isso que, mais recentemente, tenho dado relevo à investigação de temáticas ligadas à nossa singularidade cultural. Por enquanto, os focos de análise estão voltados para as artes plásticas e ao artesanato.

Assim, é impossível falar de um aspecto que se sobreponha aos demais. Tenho muito prazer quando exerço a atividade de ensino, quando realizo pesquisa ou quando adquiro uma nova e expressiva obra de arte. Contudo, não por prazer, mas por necessidade social, hoje atribuo prioridade ao trabalho de formação cultural. Como cidadão, a ele pretendo consagrar um pouco mais de meu tempo nos próximos anos.

– Quando o senhor veio para Mato Grosso do Sul e o que o trouxe para esta região?

– Em 1969 concluí o curso de Pedagogia. Na época esse curso assegurava uma rica formação em ciências humanas. A Reforma Universitária de 1968 ainda não o mutilara a partir de uma concepção estreita e burocrática do trabalho didático. Na faculdade, um grupo de estudantes pensava em sair de São Paulo, por força da saturação do mercado de trabalho, e exercer o magistério em outros estados vizinhos. Eu estava com um grupo de recém-formados que viera sondar possibilidades de trabalho em Mato Grosso. Chegamos pelo sul. Em Dourados, o delegado regional de ensino me convidou para ser diretor e implantar o Centro Educacional de Ponta Porã. Os centros educacionais eram angulares na política educacional do primeiro governo de Pedro Pedrossian. Tinham como novidade o fato de serem escolas integradas, nas quais a educação infantil e o ensino fundamental se desenvolviam numa mesma unidade escolar. Os centros maiores ofereciam inclusive o ensino médio. Aceitei o convite e trouxe mais outra colega que se formara comigo em São José do Rio Preto, Wanyr Scamardi, para exercer a função de supervisora escolar. Juntamo-nos a Neusa Barauna, Fernando Peralta, Vera Maria Carvalho Bittencourt e Alcides dos Reis, entre outros educadores locais, formando uma equipe dirigente cheia de boa vontade e motivada para o trabalho. O edifício do Centro Educacional de Ponta Porã era imponente e causava boa impressão, mas, para fazer a escola funcionar, improvisamos mesas e estantes com as próprias embalagens das carteiras escolares. Quando visitou a escola, o secretário de educação gostou da iniciativa dos professores que administravam a escola e convidou-me para coordenar os centros educacionais de Mato Grosso, dentro da própria Secretaria de Educação. Permaneci em Ponta Porã de fevereiro a junho de 1970. Em Cuiabá trabalhei até o final do ano de 1972. Por incompatibilidade com o secretário de educação do governo José Fragelli, resolvi sair de Cuiabá e aceitei o convite de Salomão Baruki, diretor do Centro Pedagógico de Corumbá, unidade integrante da Universidade Estadual de Mato Grosso [UEMT], para trabalhar como professor de cursos de licenciatura para a formação de professores. Comecei em Corumbá no ano de 1973. Aproximei-me da área de história da educação e passei a interessar-me pelas temáticas regionais. Desde então, liguei-me profundamente às formas locais de expressão da cultura e, à exceção dos breves períodos necessários à realização de cursos de pós-graduação, nunca mais me afastei da região. Passei a sentir-me um dos seus. Em 1988 fui transferido para Campo Grande, por força da implantação do Curso de Mestrado em Educação, resultado de um convênio entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul [UFMS] e a Universidade Estadual de Campinas [Unicamp], que eu ajudara a articular como doutorando naquela universidade paulista. Fixei residência na capital e hoje a considero, também, a *minha cidade*.

– Como se deu seu mergulho na realidade do estado e o despertar do interesse por sua cultura?

– Entendo que os rumos que damos às nossas vidas não podem ser explicados só por propensões pessoais. Companheiros de jornada são muito importantes. A interlocução lúcida, instigante e inteligente nos ajuda e nos impulsiona. Em Corumbá, meus contatos com professores do Centro Universitário foram essenciais para fixar a direção dada às minhas investigações. Não posso deixar de nomear, em especial, Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa. Discutíamos muito e, em primeira mão, comunicávamos nossas descobertas. Usávamos, inclusive, os recursos uns dos outros. Eles também formaram uma biblioteca excepcional. Quanto aos títulos da parte regional, desconheço qualquer outro acervo particular que a supere. As pessoas às vezes não entendem o porquê de nossa obsessão por adquirir livros. Se elas tivessem a exata consciência das limitações que enfrentávamos no início da década de 1970, por certo teriam outra expectativa. Nessa época, líamos os jornais de São Paulo do dia anterior. A comunicação telefônica era precária e sujeita às condições do tempo. Algumas vezes éramos literalmente ilhados pelas enchentes do Pantanal. Era pobre o próprio acervo da biblioteca da universidade. E não existia internet! Nossos livros, portanto, não eram somente os recursos que mantinham aceso o trabalho de pesquisa; eles eram os instrumentos que nos permitiam vencer o isolamento e nos libertavam das limitações decorrentes das condições materiais por nós vividas. Hoje tenho a consciência de que até mesmo um especial apego afetivo aos livros se desenvolveu ao sabor dessas condições adversas.

O estudo sistemático, por seu lado, mais nos instigava a entender esse estado que, até então, nos impressionara por sua imensidão. Aqui havia história, que ia muito além de episódios como a Retirada da Laguna e a Retomada de Corumbá, durante a Guerra da Tríplice Aliança. Mas era uma história em grande parte subterrânea. Nossas relações com os vizinhos, por exemplo, tão importantes no sentido de plasmar nossa singularidade cultural, nem sempre gozavam de apreço por

TENHO MUITO PRAZER QUANDO EXERÇO A ATIVIDADE DE ENSINO, QUANDO REALIZO PESQUISA OU QUANDO ADQUIRO UMA NOVA E EXPRESSIVA OBRA DE ARTE. CONTUDO, NÃO POR PRAZER, MAS POR NECESSIDADE SOCIAL, HOJE ATRIBUO PRIORIDADE AO TRABALHO DE FORMAÇÃO CULTURAL.





FALAR SOBRE A
CONSTITUIÇÃO DE
MEU ACERVO
É FALAR DA
HISTÓRIA
REGIONAL, DE
MINHA PRÓPRIA
VIDA E DAS
PROGRESSIVAS
MUDANÇAS
OPERADAS
NA FORMA DE EU
VER E ANALISAR AS
RELAÇÕES SOCIAIS.

parte dos mato-grossenses. O discurso oficial as enaltecia, mas, por força da (de)formação cultural, olhávamos bolivianos e paraguaios com estranhamento. Ao mesmo tempo, havia uma disputa política, herdada do passado e já sem sentido, entre as lideranças das cidades portuárias e dos proprietários rurais, razão de uma sensível atomização política, sem que estudos científicos procurassem desvelar suas raízes. Isso gerava interrogações e, na medida em que a academia pouco pode fazer no sentido de intervir direta e imediatamente em questões tão candentes, nos propusemos a investigar a fundo as relações sociais na região, esperando, honestamente, que no futuro o conhecimento acumulado pudesse corrigir distorções tão arraigadas. Portanto, nosso interesse pela cultura não foi algo diletante. Não nos colocávamos no mesmo campo dos regionalistas que batiam no peito para cantar as grandezas da terra. Nem dos aventureiros que, chegando de outros rincões, viam a região como terra arrasada e se metiam a fazer propostas políticas as mais esdrúxulas. Queríamos ver Mato Grosso reconhecido pela sua história e pela cultura produzida pelos homens que viviam em seu espaço. Queríamos, igualmente, que o conhecimento científico pudesse desvelar mais claramente o que somos para construir, no futuro, relações sociais que superassem preconceitos e carências dominantes.

– **Colecionar obras de arte foi consequência ou aconteceu por acaso?**

– Como já disse, as obras de arte sempre foram vistas por mim como registros do real. Ao captarem as relações sociais, elas nos ajudam a reconstruir em pensamento a trajetória dos homens. Logo, falar sobre a constituição de meu acervo é falar da história regional, de minha própria vida e das progressivas mudanças operadas na forma de ver e analisar as relações sociais. Nunca adquiri uma peça pela qual não nutrisse algum tipo de identificação. Na década de 1970, quando comprei a primeira tela, eu pouco sabia de estética. Mas desejava saber mais. Ao mesmo tempo, sentia certo desconforto com as considerações especializadas da maioria dos críticos e dos estudiosos de arte profissionais. Pareciam-me superficiais, abstratas e arrogantes, além de muito distanciadas dos acontecimentos que marcam a existência humana. Lukács [Georg Lukács, filósofo húngaro, 1885-1971] ensinou-

me que uma obra só consegue emergir à condição de arte quando, além de atender a certos critérios estéticos formais, também capta as contradições da sociedade. Portanto, é impossível dissociar tais elementos formais da mensagem veiculada pela obra de arte. Por isso, sempre histórica, esta nos permite apreender as relações sociais; daí a sua perenidade, daí a possibilidade, a qualquer tempo, de ela ajudar a revelar a história dos homens. De início, intuitivamente, mas, em seguida, de uma forma mais intencional, esse parâmetro passou a ser uma exigência que sempre observei nas aquisições de peças de artes plásticas.

É ilustrativo falar da primeira tela de minha coleção, adquirida no ano de 1974. Realizava-se em Corumbá uma exposição do artista plástico boliviano Rubén Dario Añez Román, promovida pelo Centro Pedagógico onde eu trabalhava. Uma tela expressionista, intitulada “Manifestación”, tocou-me profundamente. Segundo o artista, ela fora concebida em Santa Cruz de la Sierra, quando do golpe de estado que levou Hugo Banzer Suárez ao poder. A violência nas ruas teria sido intensa. Profundamente sensibilizado, Rubén esboçou a obra, concluída mais tarde quando já residia em Corumbá. Essa tela remeteu-me ao meu passado estudantil, então pouco distante. Estava bem viva em mim, ainda, a conjuntura inaugurada pelo AI-5 [Ato Institucional nº 5], de 1968. Nessa fase, eu presidia o Diretório Acadêmico Filosofia, da Faculdade de Ciências e Letras de São José do Rio Preto. O movimento estudantil e todos os movimentos de massas se encontravam em refluxo. Vigiados e ameaçados, muitos jovens, intelectuais e lideranças de esquerda preferiram submeter-se à clandestinidade para tentar realizar um projeto de transformação social com o recurso das armas. Às imensas manifestações, anteriores a 1968, havia se sucedido o medo. Iniciativas isoladas dos mais afoitos eram realizadas sempre à vista do perigo de prisão. Com os direitos individuais banidos, nas celas da ditadura militar imperava a violência. Tortura e morte não foram acontecimentos isolados. O Brasil perdeu, então, talentos da melhor estirpe, cuja maioria se encontrava em processo de formação. Ao suscitar esse passado recente, a pintura de Rubén produziu em mim fortes sentimentos. Revi, por



Ao lado,
Rubén Dario
(Santa Cruz de la Sierra,
Bolívia, 1948 -
Corumbá, MS) a.c.i.d.
MANIFESTACIÓN
85 x 85 cm.
Óleo sobre Tela
1974

meio dela, as manifestações de que participara; lembrei-me de colegas desaparecidos ou alienados pela loucura. A tela de um artista boliviano, concebida a partir de um evento singular desse povo vizinho, mas ao mesmo tempo muito expressivo de um momento histórico em que ditaduras militares se alastraram pela América do Sul, ajudou-me a compreender como a experiência humana é universal e como a obra de arte foge aos grilhões da singularidade que a produz.

Nessa mesma exposição, Rubén Dario expôs a tela "O grito", que adquiri mais tarde, em 1976. A temática encontrava eco na minha forma de ver o mundo. Ainda muito influenciado pelos ideais libertários do movimento estudantil, frustrava-me diante das tendências antagônicas que dominavam o movimento da sociedade. O conteúdo desta tela, também expressionista, ao patentear uma indisfarçável *angústia de viver*, representava um elo de identificação, de fato, com o existencialista que eu ainda era.

– Como se deu a formação da coleção e quantas obras a compõem atualmente?

– Depois de 1974, nunca mais deixei de adquirir obras de arte. O foco foi, por muito tempo, a nossa regionalidade. Formei um acervo muito expressivo de nossos mais relevantes artistas plásticos. Gosto muito de presentear meus amigos com telas, desenhos ou esculturas, hábito providencial, pois não teria espaço suficiente em minha casa para guardar todas as obras já adquiridas. Como decorrência, "bugres" da Conceição, telas de Ilton Silva, de Jorapimo, de Lelo, de Xavier e de nossos primitivistas passaram a povoar paredes e móveis das residências de meus amigos, o que me deixa feliz. Sempre comprei diretamente dos artistas, frequentando seus ateliês. Ao mesmo tempo, por saberem de minha ligação com as artes plásticas, vez ou outra alguém me oferece obras mais antigas de artistas da região. Alguns exemplares maravilhosos têm chegado às minhas mãos dessa forma. Devo mencionar uma história relevante. Certo dia visitou-me Magno Baís, sobrinho-neto de Lidia Baís. Trazia em suas mãos uma tela dessa pioneira das artes plásticas em Mato Grosso do Sul, até então integrante do acervo de sua família. Ele próprio estava preocupado com o estado de conservação da obra. Furos e descascados nas bordas começavam a comprometer a pintura. Tendo a consciência de seu valor histórico, ofereceu-me generosamente aquele exemplar, com a condição de que o restaurasse e tornasse possível sua exposição ao público. Não aceitei a doação. Mas, estipulado um preço, fiquei com a obra e providenciei sua restauração. É uma tela datada de 1917, anterior, portanto, à Semana de Arte Moderna, evento que influenciou o rumo artístico de Lidia Baís em seguida. Trata-se de uma paisagem singela, mas rara pelo fato de ser datada, prática pouco usual na autora, o que permite situá-la no tempo e apreender os primeiros passos da trajetória da pintora ainda adolescente.

Com o tempo a coleção se diversificou. Hoje não mais se restringe às obras dos artistas regionais. Minhas viagens são pretextos para obter peças dos mais



expressivos artistas brasileiros. Tenho explorado também os leilões de algumas das principais galerias de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Recentemente, com o auxílio de Marian Jan Chudechi Jr., o meu acervo começou a ser fotografado. Em paralelo, iniciei o trabalho de catalogação das obras que o integram. Só então tive a possibilidade de fazer um balanço da extensão atingida pela coleção. Hoje ela inclui em torno de 450 peças, envolvendo telas, sobretudo, mas também desenhos e esculturas.

– Entre todas essas obras, que trabalhos considera mais expressivos? Por quê?

– Eu não indicaria uma ou outra obra, pois as tenho todas em alta conta. Prefiro mencionar a parte do acervo que reúne obras de todas as fases daquele que é um nome de relevo das artes plásticas na região. Falo de Ilton Silva. Quem o conhece sabe que Ilton nunca guardou obras de referência, visando constituir uma espécie de reserva expressiva de sua carreira. Isto foi o que fez, por exemplo, Humberto Espíndola. Conservou exemplares de sua produção da maior importância cultural, cuja



Acima,
Lydia Baís
(Corumbá, MS, 1901 -
Campo Grande, MS,
1985) a.c.i.d.
PAISAGEM
69 x 33 cm.
Óleo sobre Tela
1917

Ao alto,
Cecílio Vera
(Amambai, MS, 1958 -
Campo Grande, MS) a.c.i.d.
DERRUBADA
40 x 60 cm.
Óleo sobre Tela
1991
(Menção Honrosa na
Mostra de Arte Ingênua
e Primitiva, SESC
Piracicaba, 2 a 31.8.1991)



Ao lado,
Ilton
(Ponta Porã, MS, 1944 -
Joinville, SC) a.c.i.d.
SÉRIE CORES E MITOS
70 x 50 cm.
Óleo sobre Tela com
moldura de madeira
pirogravada (4,5 cm.)
1978

EM FACE DA
GRANDEZA DA
OBRA DE ILTON
SILVA E DA
DISPERSÃO DE
SUAS TELAS,
COMECEI
COLECIONAR
EXEMPLARES DE
SUA PRODUÇÃO.
PROCUREI
ADQUIRIR TELAS
EXPRESSIVAS DE
TODAS AS SUAS
FASES.

destinação final precisa ser um museu público ou de uma fundação. Tudo o que Ilton produziu foi direcionado ao mercado, daí a dispersão de suas telas e de seus entalhes. Sempre me identifiquei politicamente com a obra de Ilton, pois celebra o trabalho. Em especial, a existência do trabalhador do campo é por ele retratada com muita inspiração, revelando por inteiro sua "lida", seus prazeres, sua exploração, seu sofrimento e seus vícios. Em face da grandeza da obra de Ilton Silva e da dispersão de suas telas, comecei colecionar exemplares de sua produção. Procurei adquirir telas expressivas de todas as suas fases. Uma boa parte comprei dele próprio. Ao longo do tempo fui preenchendo as lacunas existentes. Constantemente sou procurado por pessoas que querem vender telas antigas do artista, o que facilitou esse trabalho de reconstituição de sua trajetória. Hoje, o acervo correspondente gira em torno de cem telas, produzidas entre o final da década de 1960 e os nossos dias.

– **Como colecionador atento, qual sua avaliação do cenário das artes plásticas em MS? Que tendências predominam? Como o senhor vê a nova geração de artistas?**

– Não sou um nostálgico nem faço apologia do passado. Quero ver, sempre, a roda da história se movendo para frente. Mas, infelizmente, a constatação é a de que os nossos artistas escassearam. Vejo com preocupação, também, o cenário e o rumo geral das artes plásticas na região. Os contornos da situação podem ser ilustrados com diversos indicadores.

A nova geração não ombreou com o mesmo talento nomes como Humberto Espíndola, Ilton Silva e Jorapimo. Entre os jovens, um único nome me impressiona vivamente. Trata-se de Ton Barbosa, premiado nos últimos salões do estado e do município de Campo Grande. Ele tem em comum com os outros nomes citados o fato de ser um artista intuitivo. Os artistas intuitivos sempre representaram o que de melhor nós temos. Contraditoriamente, os frutos dos cursos de graduação na área de artes plásticas foram escassos no que se refere à produção de novos talentos. Restringiram-se quase tão somente à migração para Mato Grosso do Sul de nomes expressivos, como os professores Darwin Longo de Oliveira e Lúcia Monte Serrat. Os acadêmicos e egressos pouco realizaram de relevante no plano das artes plásticas. Surgiu, sim, uma discussão pretensamente teórica sobre as artes, incorporando modismos como as temáticas pós-modernas, que revelam falta de foco e de consciência social. É um discurso que Kurz [Robert Kurz, filósofo alemão contemporâneo] diria estar carregado de teorias antiteóricas.

Também deixaram de existir movimentos que procuram problematizar a relação entre arte e a singularidade cultural sul-mato-grossense. Mesmo que se possa divergir da proposta de natureza regionalista do Movimento Guaicuru de Cultura e de sua idealização do índio, ninguém pode negar que ele realizou um papel de animação cultural muito intenso no final do século XX. Formado por um grupo de artistas plásti-



cos, inúmeros salões foram promovidos pelos seus mentores. Eles alimentaram na mídia, também, a discussão da questão cultural e do índio. Hoje o que se tem é o vazio dominando o espaço de debate de questões que continuam sendo candentes.

Ao mesmo tempo verifica-se uma situação de penúria marcando a existência dos pintores primitivistas de Mato Grosso do Sul. Falo do gênero de pintura mais expressivo do estado e de artistas que tiveram obras incluídas ou premiadas nas bienais do Salão de Piracicaba, o principal de arte primitiva no Brasil. Alguns são nomes reconhecidos, como Isaac Saraiva e Cecílio Vera. Outros são ignorados inclusive entre nós, como Juraci Marques, Sidney Nofal, Ramão Lopes e Marcelo Ivanhez. Cecílio, Juraci e Marcelo já foram premiados no referido salão. Quase todos eles asseguram a existência pintando faixas para eventos ou desenvolvendo outras atividades para a complementação de seus rendimentos.

– E público para a área das artes plásticas, já existe em número razoável?

– Tanto o público como o mercado de artes plásticas precisam ser produzidos e, por enquanto, dependem da instauração de políticas, em especial das públicas. Os salões de arte na região começaram a ser retomados recentemente, iniciativa que se fazia necessária. Mas os espaços de exposição não fazem parte dos endereços visitados pelos sul-mato-grossenses. Os museus, física e culturalmente, estão distanciados das pessoas comuns. Galerias de arte há poucas. As principais resistem a trabalhar com artistas da região, a pretexto de que eles não respeitam os preços fixados. Nem as escolas realizam visitas sistemáticas dos alunos aos museus de artes. A formação dos professores conspira contra uma mudança de comportamento dessa natureza, pois eles próprios ignoram as artes na região. Como estimular os alunos para coisas cuja importância os próprios professores ignoram?

É lento e pouco dinâmico o processo de atualização dos acervos de nossos museus. Contraditoriamente, quem quiser, hoje, ter uma boa amostra das artes plásticas produzidas na região deve visitar uma singela oficina de molduras na Capital: Wenceslau Molduras. Lá, o visitante terá contato com obras dos principais artistas sul-mato-grossenses, desde os mais consagrados até os primitivos, podendo adquiri-las a preços convidativos. Talvez, na situação de estrangulamento das artes plásticas em Campo Grande e no estado, esse espaço seja o local onde se realiza o que se encontra mais próximo de um trabalho de formação cultural. As paredes apinhadas de telas ajudam os visitantes a educar o olhar. A afetividade e o bom humor de Wenceslau e de César, que trabalham no local, bem como o conhecimento que passaram a ter das artes plásticas na região e a disposição para discuti-las, fazem deles educadores. A postura não arrogante de ambos e o ambiente sem pompa acalmam a timidez das pessoas simples, hoje afastadas dos espaços de exposições, e as convidam ao conhecimento.



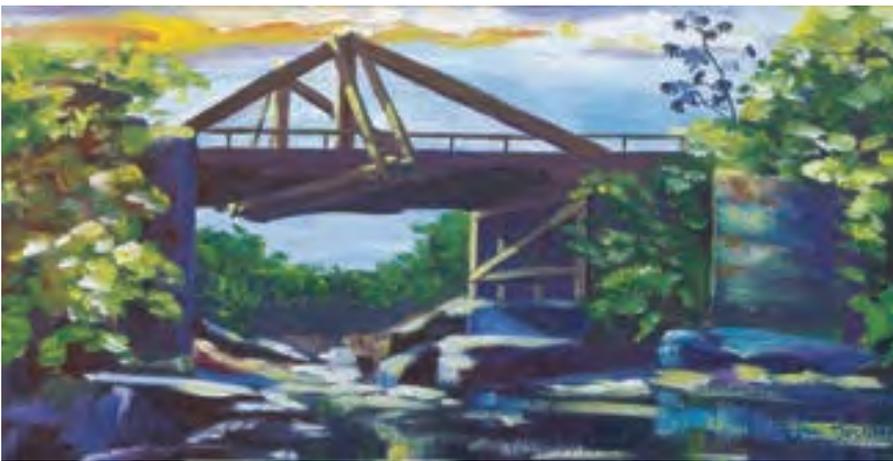
– Como o senhor analisa o mercado de arte em Mato Grosso do Sul? Para quem deseja investir, é uma alternativa rentável? Que sugestão daria para um iniciante interessado em começar a colecionar?

– Quem quiser começar uma coleção, o melhor caminho é a compra de obras dos artistas da região. Essa foi a minha trajetória. Para tanto, espaços como o da oficina Wenceslau Molduras são providenciais. Ao mesmo tempo, pela sua limitada inserção no mercado, é necessário reconhecer que a aquisição de arte regional não é investimento rentável a curto prazo. São reduzidas em número as pessoas que compram pinturas, desenhos e esculturas. O mercado estreito limita a procura e contribui para pressionar os preços para baixo. Não se pode falar em cotações precisas. As tendências de preços são fixadas em leilões de arte e por um conjunto reduzido de galerias dos grandes centros culturais do país. Infelizmente, as obras de nossos artistas não circulam nessas galerias e nos leilões de arte. Por isso, os preços são arbitrários, pois destituídos de parâmetros. A venda de uma obra, sistematicamente, está sujeita a negociações que geram uma situação de constrangimento para o artista. De fato, o valor de sua obra encontra-se sob permanente suspeição.

– O que o senhor sugere para ampliar e incrementar a relação de fruição e consumo nesta área?

– Tenho como referência, sempre, a maioria dos homens e mulheres que vivem em nosso estado, principalmente os mais simples e humildes. A formulação de políticas públicas na direção apontada é essencial. Quanto às sugestões, não há novidades, pois algumas já foram objeto de iniciativas no passado. As críticas merecem ser dirigidas à forma de execução dessas iniciativas. Falta de articulação política e de apoio logístico matam muitas delas. E quando não vão à frente, ao invés de se analisar o que falhou na execução, simplesmente as próprias propostas são abandonadas.

Ilton A. Silva
(Ponta Porã, MS, 1944 -
Joinville, SC) a.c.i.d.
VELHO CARREIRO
50 x 70 cm.
Óleo sobre Tela
1989



Ao alto,

Silvio Rocha
(Cruzeiro do Oeste, PR,
1954 - Curitiba, PR) a.c.i.d.
SÉRIE FRAGMENTOS
GUAICURUS:
A última carga da
Cavalaria Guaicuru
64 x 100 cm.
Óleo sobre Tela Colada
sobre Madeira.
s.d. (2002)

Acima,

Ton Barbosa
(Campo Grande, MS,
1967 - Campo Grande,
MS) a.c.i.d.
PONTE SOBRE O RIO
AQUIDAUANA
30 x 60 cm.
Acrílica sobre Tela
s.d. (2006)

Para ilustrar aponto dois exemplos. Em primeiro lugar, ações combinadas das áreas de cultura e educação podem incentivar a exploração de nossos museus como recursos educativos pelas escolas. Isso ajudaria a criar público para as artes plásticas na região e, portanto, mercado. Ajudaria, inclusive, a educar os educadores. De outro lado, exposições itinerantes promovidas pelo estado, em cooperação com entidades municipais, também assegurariam visibilidade constante da produção regional em todas as principais cidades e favoreceriam a sua comercialização. Logo, a produção de público não se desvincula da produção de mercado e, nas propostas, essas duas instâncias precisam ser pensadas de forma combinada. Recursos materiais são necessários para tanto, mas, muito mais do que recursos materiais, são essenciais o exercício de articulação e a boa vontade das entidades culturais e educacionais do estado e dos municípios.

Sem menosprezar as iniciativas privadas e o fato de serem desejáveis, nos próximos anos o estado ainda terá um papel significativo na redefinição de rumos, não só das artes plásticas, mas de todas as manifestações da cultura em Mato Grosso do Sul. Não se quer um estado paternalista, mas um estado que, reconhecendo a necessidade de sua ação incisiva no momento, crie as condições para a ampliação de público consumidor de arte e do mercado de arte.

– Quanto à sua produção acadêmica, em que áreas se concentram seus trabalhos?

– Sou ligado originalmente à área de educação. Ao longo do tempo, participei da fundação e do desen-

volvimento do grupo de estudos e pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil” [HISTEDBR]. Também fundei a unidade regional desse grupo em Mato Grosso do Sul. Dentro dele, desenvolvemos uma pesquisa que tematiza a questão da organização do trabalho didático. Integram-no a Dra. Sílvia Helena Andrade de Brito, da UFMS, os doutores Ana Arguelho de Souza, Carla Villamaina Centeno, Samira Saad Pulchério Lancillotti e João Mianutti, e a doutoranda Enilda Fernandes, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul [UEMS]. Outra frente de produção acadêmica que passei a desenvolver a partir de minha vinculação ao curso de mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, da Universidade Anhanguera-Uniderp, coloca em questão a relação entre cultura e ambiente. Daí as minhas pesquisas mais recentes sobre arte e artesanato em Mato Grosso do Sul.

– Quais as principais obras publicadas?

– Logo que concluí o curso de mestrado em Educação, realizei uma pesquisa histórica intitulada “História e educação em Mato Grosso: 1719-1864”. Elaborado o relatório homônimo, em 1982 o encaminhei à Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da UFMS, solicitando sua publicação. Essa universidade, à época, não tinha editora. Foi formada uma comissão *ad hoc* para analisar o mérito do texto. Aprovado, foi encaminhado à Imprensa Universitária. Eis que o reitor de então achou que o livro era “coisa de comunista” e suspendeu sua publicação. Só com um novo reitor o livro foi publicado em 1984. A edição deste primeiro relatório de pesquisa foi passo importante para a constituição da Editora UFMS e faz parte de sua história.

Pela UFMS, publiquei também o “Catálogo bibliográfico da educação sul-mato-grossense” em 1988.

O resultado de meu doutorado em Educação, com o título “O pensamento burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836”, foi publicado em 1993. Sua segunda edição saiu em 2001 pela Editora Autores Associados. No mesmo ano, essa que é uma das mais importantes editoras brasileiras da área de educação, publicou também “A produção da escola pública contemporânea”, livro que teve mais três edições em seguida. Resultados de pesquisas mais recentes, dois outros livros foram publicados pela mesma editora: “O trabalho didático na escola moderna: formas históricas”, em 2005, e “Educação no campo: recortes no tempo e no espaço”, em 2009. Quanto a este último, fui seu organizador e autor de um extenso capítulo.

Por editoras universitárias publiquei livros de interesse regional. A Editora UNIDERP editou “Mato Grosso do Sul: o universal e o singular”, em 2003, “Pantanal da Nhecolândia e modernização tecnológica”, em 2004, e “A casa comercial e o capital financeiro em Mato Grosso: 1870-1929”, em 2005. A Editora UFMS coeditou o segundo livro.

Recentemente, um projeto do MEC que edita obras de grandes educadores brasileiros e internacionais convidou-me para escrever um livro sobre o fundador do Seminário de Olinda, objeto de meu doutorado. Em

2010, a Editora Massangana publicou o resultado com o título “Azeredo Coutinho”.

Além dos livros, inúmeros artigos em revistas científicas e capítulos de livros na área de educação assinados por mim encontram-se publicados no Brasil e no exterior.

– Atualmente, para que lado está direcionado seu interesse? Que trabalhos tem desenvolvido? Como estão seus estudos sobre artesanato e cultura indígena?

– Há alguns anos, por necessidade de meus alunos do curso de mestrado em Educação da UFMS, escrevi um pequeno ensaio denominado “O universal e o singular: acerca da abordagem científica do regional”. Nesse trabalho lancei o embrião de uma proposta de investigação que dá rumo ao que hoje realizo. Esse texto é muito conhecido, inclusive fora de Mato Grosso do Sul. Com base nele, tenho me preocupado com o entendimento daquilo que poderíamos chamar de matrizes culturais de Mato Grosso do Sul. Uma delas se revela no estudo das casas comerciais dos portos, que discute a formação das cidades portuárias, as características dos migrantes e do processo de ocupação do espaço dominado pela bacia platina. A discussão sobre a pecuária da Nhecolândia coloca em relevo outra matriz cultural, associada às famílias vindas do norte do antigo Mato Grosso, ligadas nas suas origens a bandeirantes empobrecidos lá fixados. Mas muitos outros estudos são necessários. Para ilustrar, é necessário aprofundar o entendimento da matriz associada à imigração de paraguaios para a fronteira sul. Ligada, de fato, à população que se amestigara em presença de espanhóis e do imenso contingente guarani, e que revelava também o resultado da aculturação indígena nas reduções jesuíticas, o seu estudo pode lançar luzes sobre a disseminação de hábitos, costumes e valores que não se limitou à fronteira, pois, adentrando para o interior do estado, tornou-se importante vertente para a constituição de nossa singularidade cultural. Pode-se falar, ainda, de uma matriz cultural mineira, que no processo de expansão da pecuária ampliou o seu espaço para o norte de São Paulo e o leste e região central de Mato Grosso do Sul. Matrizes como a japonesa e a árabe, cujos integrantes chegaram em grandes contingentes pelos trilhos da Noroeste do Brasil, também merecem estudos aprofundados. Até mesmo uma matriz boliviana, que não se alastrou para muito além de Corumbá, precisa ser investigada, além dos movimentos migratórios realizados por nordestinos, tendo como epicentro a Colônia Federal de Dourados, e os oriundos dos estados do sul a partir da década de 1970. Para tal, uma parte do terreno já está preparada, pois investigações históricas recentes, realizadas a título de exemplo por estudiosos como Valmir Batista Corrêa, Lúcia Salsa Corrêa, Carla Villamaina Centeno e Sílvia Helena Andrade de Brito, deram contribuições significativas para a sistematização dos resultados requeridos. Também memorialistas têm oferecido relevantes relatos para o entendimento dessas matrizes culturais. Ilustram-nos obras de inegável valor, como

“Nossa gente”, de Abílio Leite de Barros, referente à matriz associada à pecuária na Nhecolândia, e “Memória: janela da história”, de Wilson Barbosa Martins, sobre a matriz mineira.

Assegurar inteligibilidade a essas matrizes é somente uma parte da tarefa, contudo. Mas é o pré-requisito para a realização de outra tarefa decorrente: a compreensão do caldo resultante das trocas culturais entre elas. Essas trocas se mantêm e são reveladoras de uma síntese em permanente transformação. Tal síntese constituiria a singularidade cultural sul-mato-grossense.

– Quanto ao senhor, quais os planos daqui para frente?

– No plano da investigação científica, estou envolvido nesse processo de entendimento da cultura em Mato Grosso do Sul. Este é um trabalho de natureza teórica, associado à minha vida acadêmica, que não terá fim enquanto fôlego eu tiver. Como cidadão, aspiro realizar um trabalho de formação cultural que permita às pessoas simples, inclusive, terem acesso ao que se produz de mais significativo na área da cultura e, mais especificamente, nas artes plásticas em Mato Grosso do Sul e no Brasil. Minha coleção ficará à disposição dessa iniciativa. A ideia é produzir um espaço que funcione como um verdadeiro centro cultural, onde os frequentadores possam se encontrar, discutir e estudar. Minha biblioteca também estará aberta ao público. Um auditório seria essencial como espaço de manifestação e de organização de movimentos culturais e de grupos devotados às artes. Também a comercialização de telas, desenhos e esculturas poderia se realizar nesse espaço com o envolvimento dos artistas locais. Talvez uma fundação seja o melhor caminho para tal. As dificuldades são de ordem material. A sede da iniciativa não pode ficar distanciada dos locais por onde as pessoas transitam, ou, pelo menos, deve ser de fácil acesso. A recente especulação imobiliária transformou os espaços centrais em áreas extremamente caras. Enquanto a ideia permanece no papel, temos procurado sensibilizar pessoas amantes das artes em Campo Grande. A resposta tem sido positiva e muitas delas têm aderido à proposta e se colocado à disposição para participar de sua execução.

É NECESSÁRIO
COMPREENDER
O CALDO
RESULTANTE DAS
TROCAS ENTRE AS
MATRIZES
CULTURAIS
PRESENTES EM
NOSSA FORMAÇÃO.
ESSAS TROCAS SE
MANTÊM E SÃO
REVELADORAS DE
UMA SÍNTESE EM
PERMANENTE
TRANSFORMAÇÃO.
TAL SÍNTESE
CONSTITUIRIA A
SINGULARIDADE
CULTURAL SUL-
MATO-GROSSENSE.

